

INSTALAÇÕES GEOGRÁFICAS: UMA AVALIAÇÃO POSSÍVEL A PARTIR DE LIVROS PARADIDÁTICOS

GEOGRAPHIC INSTALLATIONS: AN EVALUATION ENABLED BY PARADIDACTIC BOOKS

EMERSON RIBEIRO

Doutor em Geografia (USP)

Professor do departamento de Geografia da UFPB

emerson.ribeiro@urca.br

IZABEL CRISTINA DA SILVA

Doutora em Geografia (UFPB) | Doutora em Educação (UNIT)

Professora colaboradora do departamento de Geografia UFRN | Professora da educação básica no RN

silvaizabelprof@gmail.com

RESUMO: A LEITURA E AVALIAÇÃO ESTÃO NO CERNE DAS DISCUSSÕES SOBRE AS DIFICULDADES ENFRENTADAS POR EDUCADORES NO ÂMBITO ESCOLAR, SOBRETUDO PÓS-PANDEMIA COVID-19. É SABIDO QUE, NO BRASIL, O MÉTODO AVALIATIVO QUE PREVALECE AINDA É A PROVA ESCRITA, QUE EXIGE QUE O ALUNO TENHA DESENVOLVIDO A COMPETÊNCIA LEITURA. ESSE É UM DOS FATORES QUE CONTRIBUEM PARA O ALTO ÍNDICE DE REPROVAÇÃO, SOBRETUDO NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL, SITUAÇÃO QUE É RECORRENTE NA ESCOLA MUNICIPAL SEVERINO PAULINO DE SOUZA/RN. NESSE SENTIDO, O PRESENTE ARTIGO TEM COMO OBJETIVO COMPREENDER DE QUE MANEIRA AS INSTALAÇÕES GEOGRÁFICAS DESENVOLVIDAS A PARTIR DE LIVROS PARADIDÁTICOS DO GÊNERO NARRATIVO CONTRIBUEM PARA O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA GEOGRAFIA. PARA O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA, ALICERÇAMO-NOS NA PESQUISA-AÇÃO A PARTIR DO ENTENDIMENTO DE THIOLENT (2011), QUANDO ELE APONTA QUE ESSE TIPO DE PESQUISA, ALÉM DA PARTICIPAÇÃO, SUPÕE UMA FORMA DE AÇÃO PLANEJADA DE CARÁTER SOCIAL, EDUCACIONAL E TÉCNICO. PARA DESENVOLVER AS INSTALAÇÕES GEOGRÁFICAS, TOMAMOS COMO REFERENCIAL TEÓRICO O TRABALHO DE RIBEIRO (2014), MOMENTO QUE ELE DELIMITA E ESTRUTURA AS INSTALAÇÕES NO ÂMBITO DA GEOGRAFIA.

PALAVRAS-CHAVE: AVALIAÇÃO; LEITURA; INSTALAÇÕES GEOGRÁFICAS; LIVROS PARADIDÁTICOS.

ABSTRACT: READING AND EVALUATION ARE IN THE CORE OF ARGUMENTS AND DISCUSSIONS ABOUT DIFFICULTIES FACED BY TEACHERS IN SCHOOL ENVIRONMENT, SPECIALLY POST-PANDEMIC COVID-19. IT IS KNOWN THAT, IN BRAZIL, THE EVALUATION METHOD THAT PREVAILS IS STILL WRITTEN ECAMES, WHICH DEMAND THAT STUDENTS HAVE READING HABILITITES. THIS IS ONE OF THE FACTORS THAT CONTRIBUTE TO HIGH RATES OF FAILURE IN CLASSES, MOSTLY IN THE 6TH GRADE OF ELEMENTARY SCHOOL, WHICH IS A RECURRING SITUATION FOR SEVERINO PAULINO DE SOUZA MUNICIPAL SCHOOL LOCATED IN RIO GRANDE DO NORTE. IN THIS REGARD, THE CURRENT ARTICLE AIMS TO COMPREHEND HOW GEOGRAPHIC INSTALLATION DEVELOPED FROM NARRATIVE GENRE SUPPLEMENTARY BOOKS CAN CONTRIBUTE TO THE TEACHING AND LEARNING PROCESS IN GEOGRAPHY. WE BASE THE EXECUTION OF THIS RESEARCH ON THIOLENT'S (2011) RESEARCH-ACTION CONCEPT, WHEN HE POINTS OUT THAT THIS SORT OF RESEARCH, BESIDES ACTIVE PARTICIPATION, DEMANDS SOCIAL, EDUCATIONAL AND TECHNICAL PLANNED ACTION. TO CREATE GEOGRAPHIC INSTALLATIONS, WE TAKE OF THEORETICAL REFERENCE THE WORK OF RIBEIRO (2014), AS HE NARROWS AND STRUCTURES INSTALLATIONS INSIDE GEOGRAPHY'S FRAMEWORK.

KEYWORDS: EVALUATION; READING; GEOGRAPHIC INSTALLATIONS; SUPPLEMENTARY BOOKS.

INTRODUÇÃO

UMA VIAGEM POSSÍVEL

Pensar no contexto escolar nos leva a refletir sobre as diversas questões que permeiam esse espaço educacional. Dentre elas podemos elencar a dificuldade que os alunos da educação pública apresentam em relação a leitura, sobretudo no 6^a ano do ensino fundamental, um momento de transição de nível de ensino complexa, principalmente quando eles não desenvolveram a competência leitora.

A situação é agravada quando nos detemos ao fato de que no Brasil a avaliação educacional que prevalece é a famosa prova escrita, utilizada em todos os níveis de ensino. O que pressupõe que o aluno tenha domínio dessa competência, algo que não ocorre de maneira homogênea, todavia, a prova, que está distante de ser uma avaliação, não considera estas limitações.

Segundo Luckesi (2011, p. 176):

A avaliação, em si, é dinâmica e construtiva, e seu objetivo, no caso da prática educativa, é dar suporte ao educador (gestor da sala de aula), para que aja da forma o mais adequado possível, tendo em vista a efetiva aprendizagem por parte do educando.

A avaliação busca contribuir com o aprendizado, permitindo que o educador identifique e busque meios que promovam o avanço dos alunos. Ela precisa ser instigadora e criativa, possibilitando que o educando avance. O que não deve ser medido pelo valor quantitativo, pois a avaliação pode ser homogênea, mas a aprendizagem é heterogênea.

Nessa conjuntura apresentamos as instalações geográficas como uma das possibilidades de avaliação construtiva da aprendizagem no âmbito do ensino de Geografia. De acordo com Ribeiro (2014, p. 123, grifos do autor):

O termo utilizado “avaliação construtiva” é dado pelo encaminhamento do processo de ensino aprendizagem e de como ele é realizado. Não só utilizando de provas

e avaliações ou textos, mas sim com um objetivo que leve o aluno a unir o conhecimento geográfico ensinado pelo professor com a pesquisa, a criação e a arte, encontrando a efetivação desse conhecimento nas instalações.

As instalações geográficas foi criada pelo pesquisador Emerson Ribeiro no ano de 2014. Ele incorpora o termo instalação a partir das artes visuais, adaptando e recriando uma metodologia avaliativa para o ensino de Geografia. Assim ele estrutura as bases essenciais para o seu desenvolvimento, a saber: posse do conteúdo, apresentação do conteúdo; pesquisa auxiliar; teia de ideias; montagem da instalação; desmonte da instalação e produção textual final.

A posse do conteúdo é o momento que o educador seleciona-o a partir dos objetivos traçado a partir do contexto da sala de aula, é importante frisar que não se trata de seguir o livro didático disciplinar escolar, cada turma de alunos tem suas particularidades e necessidades. Assim, após a seleção o professor trabalha o conteúdo com os educandos, é importante que este processo ocorra de maneira criativa, no sentido de estimular os alunos, sendo necessário selecionar recursos didáticos que potencialize o trabalho, como músicas, filmes, livro didáticos disciplinar, livro paradidático, dentre outros.

É necessário frisar que a avaliação não pode ser concebida como algo aleatório à prática docente, pelo contrário, ela é o reflexo da concepção pedagógica na qual o educador está ancorado. Coadunamos com o delineamento de Silva (2022, p. 94) quanto ela aponta que “ao selecionar as instalações geográficas como avaliação da aprendizagem, o educador precisa ter clareza que o seu planejamento é norteado a partir da seleção de uma concepção pedagógica”. Ou seja, a avaliação deve permear todo o processo educativo, não se concebe trabalhar apenas ao final do bimestre, ela precisa ser o reflexo do processo de ensino.

No tocante as instalações geográficas, Silva (2022) ressalta que é necessário inserir no plano de aula elementos que estejam relacionados com essa avaliação, o que a pesquisadora denomina de

conectivos geográficos: pesquisa, signo, simbologia e criatividade. Estes devem estar presentes no planejamento do professor como prática que precisa permear o cotidiana de sala de aula.

Após trabalhar o conteúdo é o momento de organizar as temáticas, relacionadas ao conteúdo trabalhado, as quais os alunos vão realizar a pesquisa para ampliar o que estudaram. Esta pode ocorrer a partir de livros, revistas, entrevistas, site de busca. Nesse momento é ideal que o professor busque propostas diferentes e divida por grupos de alunos, para que o trabalho fique mais amplo e heterogêneo. Segundo Ribeiro (2014, p. 59),

A pesquisa é um dos pontos chaves da instalação, quando tratamos das instalações na universidade junto aos nossos alunos, abordamos a necessidade prioritária da pesquisa e a discussão dessas em sala de aula por todos os alunos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

A dificuldade no momento da pesquisa não ocorre apenas com alunos do ensino fundamental, pode ocorrer também no ensino superior, por isso a orientação é necessária. Após a conclusão da pesquisa é a hora dos educandos elaborarem o texto tratando sobre as descobertas que realizaram no procedimento anterior, é um momento que necessita de bastante atenção por parte do professor, pois os alunos podem copiar e colar apenas o que encontram na pesquisa, e o intuito é que eles criem um texto. Esse pode ser uma lauda, duas, mas terão aqueles que podem produzir apenas dez linhas. Isso faz parte do processo de ampliação da leitura e escrita, e, com o processo de ensino e aprendizagem da geografia.

Alexandre (2019, p. 72- 73), ao desenvolver uma pesquisa com alunos do 8º ano do Ensino Fundamental:

Quanto aos textos, percebemos claramente a real dificuldade que os alunos têm na sua produção escrita, nitidamente alguns erros de ortografia, gramaticais e até a reprodução de cópias da internet, não havendo, portanto, a

preocupação em ao menos inserir as fontes de onde fizeram a consulta. Já no segundo texto, produzido com o desmonte da instalação, constatamos que não apresenta o que é solicitado, o registro geral, enfatizando o processo que foi realizado com a pesquisa, o debate e as possíveis dificuldades que ainda se apresentam.

Esse processo registrado pelo pesquisador é comum ocorrer, os discentes apresentam dificuldades em realizar o texto, desde a escrita a organização. Em alguns casos os alunos conseguem falar o que pesquisaram, mas não conseguem estruturar em um texto. Algo que fica nítido na teia de ideias, uma espécie de roda de conversa para os alunos apresentarem o que descobriram e entregarem a produção textual. A partir deste momento eles devem ser desafiados a pensar nos signos para materializar o que eles aprenderam.

Como se trata de uma instalação, é necessário ter uma base, um signo, que represente de maneira geral a temática pesquisada pelo grupo. Sobre ela ou dentro os demais signos devem ser disposto. Para elucidar apresentamos um exemplo. Vejamos a figura 1:

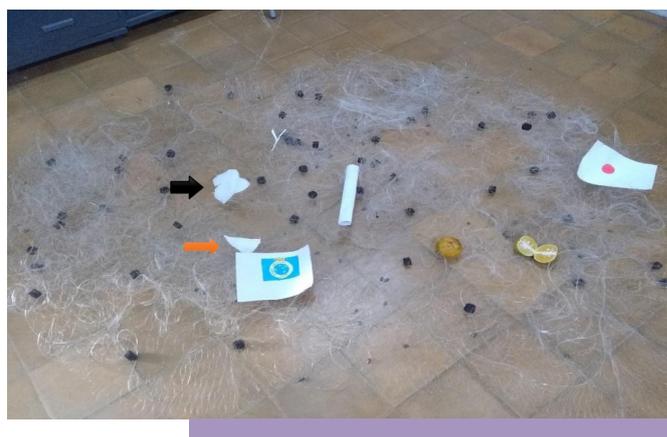


Figura 1 | Instalação linhas e pontos
Fonte: Silva, 2021.

Para a temática latitude e longitude um grupo dos alunos escolheu uma rede de pesca, figura 1, como base da instalação, objeto que faz parte do cotidiano deles. Eles relacionaram as linhas verticais e horizontais da rede as coordenadas geográficas, e intitularam a instalação de linhas.

Sobre ela foram depositando os demais signos, como a laranja partida ao meio, utilizada para representar os hemisférios norte e sul. Cabe dizer que nas instalações os alunos são desafiados a relacionar a geografia aos signos que eles identificam no cotidiano, um processo que instiga a criatividade.

Para Ribeiro (2014, p. 151),

O ato criativo não surge do nada, não é inato, ele é construído, é parte de um processo que se traduz numa obra, seja de arte, livro ou em novas descobertas científicas, são elementos que compõem o espaço social e a natureza, que se dá no plano do vivido.

Ao passo que o professor desafia os alunos a selecionarem os signos, para materializarem o conteúdo em uma instalação geográfica, ele promove o ato criativo que está relacionado com signo e simbologia.

Além dessa seleção é necessário que os educandos, com ajuda do educador se necessário, produzam uma ficha técnica, pode ser digitalizada ou escrita à mão, nominando os signos utilizados e a sua simbologia.

A exposição das instalações podem ser realizadas em infinitos espaços, na própria sala de aula, em espaço aberto na escola, em uma praça pública, shopping, dentre outros. O ideal é iniciar na escola para os educandos se familiarizarem e ir ampliando para outros espaços. É um momento de comunicação, interação entre alunos, professores e o público em geral.

Após apresentação os alunos devem desmontar as instalações e produzir o texto final, pode ser uma produção direcionada para casa ou em sala de aula. Esse será compartilhado na teia de ideias final, momento de partilha do processo avaliativo.

Nesta conjuntura o presente artigo tem como objetivo compreender de que maneira as instalações geográficas desenvolvidas a partir de livros paradidáticos do gênero narrativo contribuem para o processo de ensino e aprendizagem da Geografia.

DESENVOLVIMENTO

PLANO DE VOO

Quando realizamos uma pesquisa partimos do pressuposto de que existe um problema que nos inquieta, foi com este propósito que iniciei o doutorado na Universidade Federal da Paraíba em 2019. Como professora da educação básica tenho uma profunda preocupação com a aprendizagem dos alunos e o nível de reprovação e evasão escolar.

No meu contexto escolar, Escola Municipal Severino Paulino de Souza localizada no município de Serra Negra do Norte, localizada no Rio Grande do Norte, a dificuldade com leitura que os alunos chegam para cursar o 6^a ano do ensino fundamental é gritante. O que é agravado pelo sistema avaliativo centrado na prova escrita, algo que contribui com o alto índice de reprovação e desistência.

Assim, iniciei uma busca por encontrar um meio que pudesse melhorar a leitura e o exame utilizado na citada escola. Nesta circunstância tive contato com as instalações geográficas, já apresentada na introdução, e a partir dela delimitar os livros paradidáticos, esse já era um recurso didático que tinha trabalhado no mestrado.

Neste momento unifiquei os livros paradidáticos como meio de trabalhar os conteúdos e a leitura de maneira criativa e lúdica, atrelada a uma avaliação construtiva da aprendizagem, instalações geográficas.

Assim desenvolvi a pesquisa de campo no ano de 2021 com uma turma de alunos do 6^a ano do ensino fundamental na referida instituição de ensino. Cabe ressaltar que a pesquisa foi realizada em um contexto de pandemia causada pelo Covid-19, o que nos desafiou e impulsionou nosso trabalho. Desenvolvemos as aulas do primeiro e segundo bimestre de maneira online e o segundo e o terceiro bimestre de maneira presencial.

Desenvolvemos a pesquisa a partir da pesquisa-ação, conforme Thiollent (2011), é um tipo de pesquisa que além da participação, supõe uma forma de ação planejada de caráter social, educacional e técnico.

ORGANIZANDO A BAGAGEM

Delimitamos como material mobilizador dos conteúdos geográficos os livros paradidáticos. Segundo Silva (2022, p. 51):

[...] definimos como livro paradidático os que são utilizados paralelamente aos materiais didáticos, variando desde a literatura a livros com linguagem mais técnica ou acadêmica, podendo ser utilizado por alunos e professores, tanto como material principal, como subsidiário. O seu caráter paradidático ocorre à medida que é utilizado como meio para aprendizagem em espaço escolar ou não. Existem livros que nascem já com essa finalidade, verticalizando ou não um tema, elaborados com destino ao ensino e aprendizagem, porém, existem aqueles que não são escritos para tal propósito, mas assumem essa função à medida que são didatizados em âmbito escolar ou fora dele. No tocante à forma ou à estrutura, não existe uma normatização, assim, existem livros paradidáticos com diversos aspectos, fartos ou não de ilustrações, pequenos e grandes,

com letra bastão ou cursiva.

Esses livros pode ser utilizados de diversas maneiras em âmbito educacional, tanto como material complementar para o educador ou como material mobilizador em sala de aula. Ressaltamos que uma das limitações do seu uso escolar na âmbito da Geografia é no tocante a não existir uma produção destinada para este componente curricular, sobretudo quando se trata de literatura. Nesta pesquisa trabalhamos com gênero narrativo, escolha que se deu a partir dos questionários que aplicamos com os alunos, o que nos permitiu traçar um perfil leitor.

Assim, realizamos uma busca por livro paradidático que contemplasse os conteúdos geográficos que elencamos a partir da realidade dos discentes e ao mesmo tempo que fossem do gênero narrativo. Neste processo selecionamos os seguintes livros: *O menino que colecionava lugares*; *Vulcões*; *Como as paisagens mudam?*; *Viagem ao centro da terra*; *O castigo veio a cavalo*; *Geografia de Dona Benta*; *Mania de mapa*; *Estrelas e planetas*; *Como ir ao mundo da lua*; *O planeta está com febre*; *Azul e lindo planeta: Terra, nossa casa*; *Lição de Geografia*; e *A água e a vida*. Como mostra a figura 2.



Figura 2 | Livros paradidáticos selecionados com conteúdos geográficos
Fonte: Silva, 2021¹.

A partir desses livros, abordamos todos os conteúdos selecionados. Ressaltamos que o trabalho com esse recurso didático não se resume a colocar os alunos para ler, é necessário mediar este trabalho de maneira criativa, pois estamos trabalhando com educandos com limitações na leitura e escrita, e que não tem no contexto familiar o hábito de ler, e muitos não tem acesso aos livros quando estão fora da escola.

Dessa maneira trabalhar com livros paradidáticos e as instalações geográficas como avaliação construtiva exige um trabalho contínuo em sala de aula, como orientado por Silva (2022, p. 94):

Ressaltamos que, ao selecionar as instalações geográficas como avaliação da aprendizagem, o educador precisa ter clareza que o seu planejamento, norteado a partir da seleção de

uma concepção pedagógica, precisa se conectar com elementos da instalação geográfica os quais nominamos de Conectivos Geográficos, são eles: pesquisa, signo, simbologia e criatividade.

Essa avaliação construtiva da aprendizagem precisa que o professor articule uma trabalho com os alunos durante todo o percurso, do contrário a avaliação pode torna-se mais um exame com caráter qualitativo e seletivo.

VOANDO ALTO

Dentre os livros paradidáticos que utilizamos, apresentamos a instalação que desenvolvemos a partir do livro *Azul e Lindo: Planeta Terra, Nossa Casa*, ver figura 3.



Figura 3 | Capa do livro *Azul e Lindo Planeta Terra, Nossa Casa*
Fonte: Silva, 2021.

O livro é de autoria de Ruth Rocha, a narrativa mostra que o homem busca conhecer o universo, mas que o único planeta conhecido que abriga vida é a Terra. Todavia o ser humano não cuida do mesmo, poluindo e desmatando.

O livro contém textos curtos e uma variedade de ilustrações que contribui para a ludicidade. Assim, trabalhamos esse recurso didático a partir da realidade dos alunos sujeitos da pesquisa que presenciam o desmatamento das plantas da

caatinga, além da poluição dos rios, mostrando que esses problemas são locais e globais.

Antes de iniciarmos a leitura solicitamos que os educandos produzissem desenhos representando problemas ambientais causados pelo ser humano que eles identificavam em Serra Negra do Norte/RN. Em seguida exploramos esses desenhos, identificando os signos criados por eles, realizamos a leitura do livro *Azul e Lindo: Planeta Terra, Nossa Casa*, ampliamos a discussão realizando atividades, assistimos vídeos e filmes sobre a temática.

Após esse processo iniciamos o segundo passo da instalação geográfica, a pesquisa. Delimitamos as seguintes temáticas: principais tipos de poluição; principais tipos de poluição de Serra Negra do Norte; estados do Brasil e países que poluem mais.

Ressaltamos que esse momento é um dos que necessitam mais atenção do educador, sobretudo quando se trata de alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, quando eles tem limitações na compreensão do que seja pesquisar, por vezes encaram como copiar e colar de um site da internet. Sendo necessário acompanhamento e orientação para que eles consigam realizá-la e a partir dela produzir o texto inicial apresentando as descobertas realizadas.

Este momento é a chamada teia de ideias inicial, momento que os educandos falaram sobre que descobriram sobre a cidade onde residem. Muitos já demonstraram surpresa, pois descobriram informações que eles desconheciam. Este texto foi entregue pelos alunos, pois ele deu suporte para acompanhar a escrita dos alunos e a evolução no decorrer do ano letivo.

O próximo passo foi provocar os alunos a pensarem, a partir das informações que eles descobriram, em signos que materializassem essas descobertas. Para Simielli (2010, p. 78):

O signo possui dois aspectos: o significante e o significado, O significante constitui-se no aspecto concreto (material) do signo. Ele é audível e/ ou legível. O significado é o aspecto imaterial, conceitual do signo. O plano do

significante é o da expressão e o plano do significado é o do conteúdo. Esses aspectos levam à significação que seria o produto final da relação entre os dois.

No tocante a instalação geográfica o signo é o próprio objeto, e o seu significado é a simbologia. Ressaltamos que a simbologia pode ser interpretada de maneira distinta pelo espectador, por isso, é necessário que as instalações sejam acompanhadas de uma ficha técnica apresentando por extenso o signo e sua respectiva simbologia.

Nesta organização da instalação os discentes escolheram uma carteira escolar como base, pois aludiram que é na escola que aprendem conhecerem o lugar onde vivem e seus problemas. A partir desta escolha os demais signos fluíram, o que nos levou a agendar o dia da montagem da instalação e exposição para o público, neste caso montamos, fotografamos e realizamos visualmente. Vejamos a figura 4.



Figura 4 | Instalação geográfica vende-se um planeta
Fonte: Silva, 2021.

Signo	Símbolo
Fone de ouvido	Poluição sonora
Óculos	Poluição visual
Copo descartável com papel azul	Poluição das águas
Termômetro	Poluição do ar
Cofrinho em forma de botijão de gás	A exploração econômica
Bacia plástica com recortes de açudes	Uso e poluição da Barragem Dinamarca

Quadro 1 | *Ficha Técnica.*
Fonte: Silva, 2021.

A partir da pesquisa, do texto produzido e da leitura do livro paradidático os alunos montaram a instalação e a intitularam de *Instalação geográfica vende-se um planeta*, figura 4. Os signos foram variados, como os fones de ouvido para representar a poluição sonora presente na comunidade, sobretudo causada pelos carros de sons, os óculos de sombra para indicar a poluição visual, a qual eles apontaram que não faz parte do cotidiano deles, por viverem em uma cidade de pequeno porte, mas está presente nas cidades maiores, como na capital do estado do RN, Natal. Um signo que eles selecionaram a e estava relacionado com uma das ilustrações do paradidático que eles leram foi o cofrinho em formato de botijão de gás, eles relacionaram a exploração econômica como uma das mais prejudiciais ao meio ambiente.

Na seleção dos signos os alunos são desafiados a utilizar a criatividade, algo que fica nítido na escolha e construção desta instalação. Para Ribeiro (2014, p. 147):

[...] a criatividade que perpassa as estruturas mentais, porque exige projeto, projeção mental, força de criação, conhecimento do conteúdo que irá manusear durante todo o processo de criação, ou seja, é uma relação constituída por contrastes.

Segundo o pesquisador a criatividade é permissiva a qualquer pessoa, desde que esta seja desafiada a utilizar as estruturas mentais que provocam a criação. Assim, os alunos iniciam este processo a medida que realizam a pesquisa culminando com a própria seleção dos signos.

Houveram aqueles que no dia da montagem tiveram ideia de aperfeiçoar um signo.

No momento da apresentação é comum os alunos ficarem nervosos, sobretudo quando realizam a primeira vez. Mas é algo que faz parte do processo de ensino e aprendizagem, no geral eles se identificam com essa avaliação. É que registramos no texto final que eles produzem após o desmonte da instalação recebemos depoimentos do tipo, segundo Silva (2022, p. 166) “o Aluno F também destacou que aprendeu muitas coisas em pouco tempo e que prefere realizar a instalação geográfica à prova escrita tradicional”. Essa opinião foi unânime na texto produzido pelos alunos, além disso destacaram que é mais divertido. Outro aspecto interessante é no tocante a mudança de perspectiva dos alunos, Quando eles realizam as provas ficam sempre pressionando pela nota, no caso das instalações atreladas aos livros paradidáticos o questionamento pe referente a quais serão os novos livros que iremos ler. O quantitativo deixa de ser o objetivo dos educandos ao realizar uns instrumento avaliativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS UM POUSO SEGURO

Após um ano trabalhando com livros paradidáticos no ensino da Geografia e utilizando as instalações geográficas como avaliação construtiva da aprendizagem podemos dizer que os alunos do 6^a ano do ensino fundamental avançaram em diversos aspectos.

Tínhamos educandos em níveis distintos de leitura, a maioria aprendendo a ler

e escrever. Observamos que eles melhoraram significativamente, além disso, todos apresentaram um olhar diferenciado para Geografia.

Quando iniciaram o ano letivo a concepção da turma era que a Geografia se limitava ao que estava posto no livro disciplinar escolar e que a utilidade era para eles passarem de ano.

Trabalhar a Geografia a partir da vivência dos educandos, utilizando os livros paradidáticos, associados a instalações geográficas possibilitou uma aprendizagem significativa, conduzindo o aluno a questionar, a olhar para o lugar onde reside de maneira diferente, tendo a percepção de que a Geografia faz parte da vida.

Além disso, os alunos se mostraram felizes em não realizarem as tradicionais provas escritas, segundo Ribeiro (2014), após a prova escrita o que sobra do conhecimento possivelmente adquirido é pouco e cai no esquecimento. Algo que não ocorreu com as instalações geográficas. Pois ao realizarmos uma atividade no final do ano, na qual apresentamos imagens de todas as instalações que desenvolvemos no decorrer de 2022, os alunos não esqueceram o que tinham estudado, identificando a maioria dos signos, sobretudo as que falavam sobre elementos do lugar. O que demonstra que trabalhar a Geografia a partir de livros paradidáticos atrelados as instalações geográficas, considerando a vivência dos educandos, atrelando o concreto, signo e simbologia, contribuem com o processo

de ensino e aprendizagem da Geografia e da competência leitora.

Segundo Vygotsky (1984, p. 37-38),

[...] uma mudança no nível de desenvolvimento, ocorre uma mudança não tanto na estrutura de uma função isolada (que poderia, no caso, ser a memória), mas, também, no caráter daquelas funções com a ajuda das quais ocorre o processo de lembrança; de fato, o que muda são as relações interfuncionais que conectam a memória a outras funções.

Ao relacionar os signos a geografia os alunos conseguem materializar concretamente o conteúdo que eles aprenderam. Essa memória relativa ao signo é o que realiza o movimento entre o concreto e o geográfico. Ou seja, os educandos que utilizaram a rede de pesca para representar as coordenadas geográficas adquirem um novo olhar sempre que tiverem contato com uma rede de pesca.

Conforme Silva (2022, p. 216), "quando há desenvolvimento na memória, isso modifica outros aspectos no indivíduo. Percebemos que a atenção, fala e pensamento dos educandos foram melhorando." Trabalhar com as instalações geográficas atreladas aos livros paradidáticos vai além de contribuir com a leitura, escrita e Geografia, perpassa por um processo de desenvolvimento do aluno em diversos aspectos.

NOTAS

¹ As informações bibliográficas sobre os livros encontram-se nas referências.

REFERÊNCIAS

- ELIZABETH, Maria Feitosa da Rocha de. **Mania de Mapa**. Rio de Janeiro: Instituto Alfa e Beto-IAB, 2018.
- ENGEL, Patrícia Secco. **Juca Brasileiro: água e a vida**. 2ª ed. São Paulo: Editora melhoramentos, 2012.
- KLEIN, Cristina. **Viagem ao centro da Terra**. Texto adaptado Cristina Klein. Blumenau: Todolivro Editora, 2017.
- LOBATO, Monteiro, 1888-1948. **Geografia de Dona Benta**. Ilustrações Roberto Fukue. Ed. comentada. São Paulo: Globo, 2013.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem componente do ato pedagógico**. 2ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2011.

RIBEIRO, Emerson. **Processos criativos em Geografia**: metodologia e avaliação para a sala de aula em instalações geográficas. 212 f. Tese (Doutorado) - Departamento de Geografia Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

ROCHA, Ruth. **Azul e lindo**: planeta Terra, nossa casa. 16ª ed. São Paulo: Editora Salamandra, 2014.

ROSA, Luciana. **O planeta está com febre**. Rio de Janeiro: Editora Zit, 2010.

SILVA, Izabel Cristina da. **Volta ao mundo com livros paradidáticos**: avaliação construtiva da aprendizagem a partir das instalações geográficas. 247 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

SIMIELLI, Elena. O mapa como meio de comunicação e a alfabetização cartográfica. In: ALMEIDA, Rosângela Doin de. (Org.). **Cartografia Escolar**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 71-93.

WINTERS, Pierre. **Vulcões**. Tradução de Arthur Diego. São Paulo: Brinque-Book Saber, 2013.

WINTERS, Pierre. **Estrelas e planetas**. Tradução de Arthur Diego. São Paulo: Brinque-Book Saber, 2011.

ZIRALDO, Alves. **Lição de Geografia**. 2ª ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2005a.

ZIRALDO, Alves. **Como ir ao mundo da lua**. 2ª ed. São Paulo: Editora Melhoramentos. 2005.